

oe artil

votaram apenas 45,5% dos 256 mil eleitores inscritos no dia em que Marcelo Rebelo de Sousa ganhou na Madeira com 51,35% dos votos, números que contrastam com os 22,5% que não participaram na segunda eleição presidencial e que relegeu António Ramalho Eanes.

Nas últimas eleições Regionais, em Setembro de 2019, não votaram 45,5% dos 257.967 inscritos. Nesse ano, a abstenção tinha sido de 61,5% nas Europeias e de 50% nas legislativas nacionais.

Nota positiva para a diminuição dos votos brancos e nulos, desperdício que abranda, mas que continua a merecer reflexão.

Quanto às sondagens, não só bateram certo, como foram ligeiramente mais modestas para Marcelo. O retrato do momento foi quase fiel, à imagem daqueles que evitaram aventuras e preferiram manter em Belém quem mais garantias deu de promover consensos.

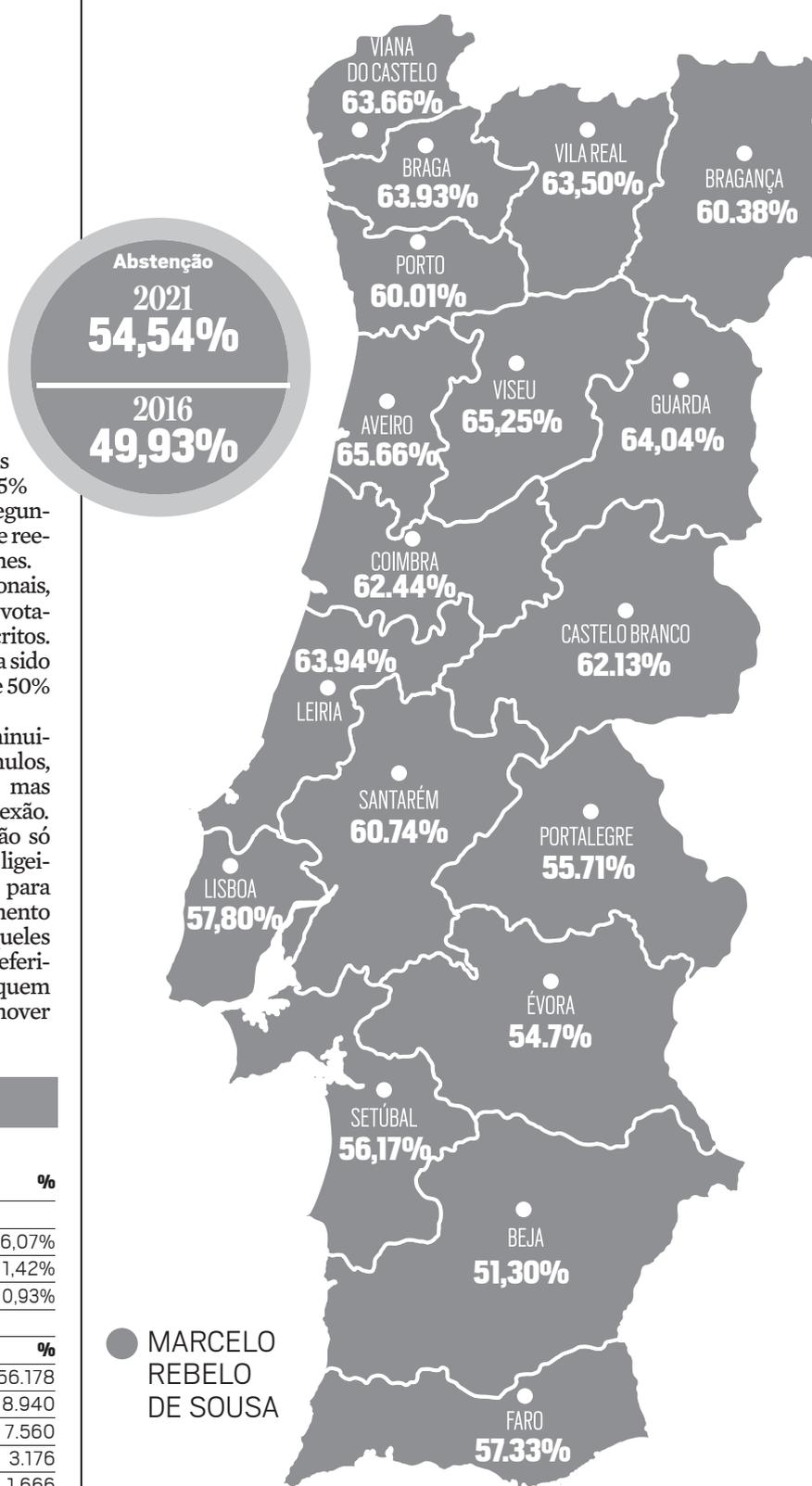
AÇORES

2021	votos	%
INSCRITOS	228.911	
VOTANTES	82.572	36,07%
BRANCOS	1.174	1,42%
NULOS	767	0,93%

Candidatos	votos	%
Marcelo R. Sousa	69,67%	56,17%
Ana Gomes	11,09%	8,940
André Ventura	9,38%	7,560
Marisa Matias	3,94%	3,176
Tiago M. Gonçalves	2,07%	1,666
Vitorino Silva	1,95%	1,575
João Ferreira	1,90%	1,536

2016	votos	%
INSCRITOS	228087	
VOTANTES	70522	30,92
BRANCOS	1434	2,03
NULOS	530	0,75
Partido	votos	%
Henrique Neto	577	0,84
Sampaio da Nóvoa	14.768	21,54
Cândido Ferreira	190	0,28
Edgar Silva	907	1,32
Jorge Sequeira	212	0,31
Tino de Rans	1.522	2,22
Marisa Matias	6.073	8,86
Maria de Belém	3.041	4,44
Marcelo R. Sousa	39.811	58,07
Paulo Morais	1.457	2,13

PORTUGAL



MARCELO REBELO DE SOUSA

À hora do fecho faltavam 3 consulados por apurar

2021	votos	%
INSCRITOS	10.791.490	
VOTANTES	4.261.140	39,49%
BRANCOS	46.864	1,11%
NULOS	39.854	0,94%

Candidatos	votos	%
Marcelo R. Sousa	2.519.599	60,77%
Ana Gomes	536.236	12,93%
André Ventura	493.092	11,88%
João Ferreira	179.495	4,33%
Marisa Matias	163.211	3,93%
Tiago M. Gonçalves	132.880	3,21%
Vitorino Silva	122.294	2,95%

2016	votos	%
INSCRITOS	9.438.304	
VOTANTES	4.726.140	49,93
BRANCOS	58.571	1,24
NULOS	43.718	0,93

Candidato	votos	%
Henrique Neto	38.744	0,84
Sampaio da Nóvoa	1.058.684	22,9
Cândido Ferreira	10.514	0,23
Edgar Silva	182.462	3,95
Jorge Sequeira	13.701	0,3
Tino de Rans	151.933	3,29
Marisa Matias	468.406	10,13
Maria de Belém	196.095	4,24
Marcelo R. Sousa	2.403.764	51,99
Paulo Morais	99.548	2,15

EDITORIAL

Nem todos puderam votar



Ricardo Miguel Oliveira
Director

A abstenção foi elevada no País e na Região nestas Presidenciais que ficam manchadas pela impossibilidade legal de alguns eleitores votarem, o que configura um atentado à Constituição, a mesma que foi exibida como razão fundamental para que as eleições não fossem adiadas. Portugal perde assim, mais uma vez, uma oportunidade soberana de dar sequência a dinâmicas políticas ensaiadas numa campanha predominantemente digital e interactiva porque feita em tempo de pandemia.

Os decisores tinham tudo para colocar a tecnologia ao serviço dos eleitores e aproveitar o novo normal para justificar investimentos avultados em opções de futuro como o voto por correspondência ou voto electrónico. Nada fizeram revelando falta de coragem para inovar. É um escândalo pactuar com um Estado incapaz de tomar medidas depois de ter passado 23 anos em testes sem apresentar resultados, a não ser os milhões de euros gastos em experimentalismo inconsequentes.

Apesar destes estranhos comodismos, foram muitos os apelos ao voto. Por isso, por instantes, muitos não ficaram em casa, na esperança que um dia não seja obrigados a correr riscos para exercer um dos seus elementares direitos.

Estes têm legitimidade para apontar o dedo aos que contribuíram para a abstenção recorde. Na campanha não faltaram debates, muitos, mas nem sempre esclarecedores, polémicas, quase sempre sem nível e até pedradas, que nenhum discurso extremista justifica. Mas faltou propaganda saudável para que a democracia não fosse fustigada. Ontem houve quem questionasse se podia votar depois das 18h, hora

habitual do recolher obrigatório na Região. Não sabia que havia excepção à regra, que embora decretada pelo Governo Regional e noticiada em primeira mão pelo DIÁRIO não foi devidamente publicitada pelas autoridades competentes. Conclusão: muitos não saíram de casa na ponta final da votação com medo de serem multados e recebemos relatos de várias mesas a lamentar a fraca afluência depois das 17h30. Um absurdo a juntar a outros, como as longas filas no arranque da votação, as desistências de última hora de membros das mesas com medo do vírus e a falta de uniformização das regras sanitárias.

Salvou-se o essencial e a impressão que fica é que os eleitores que se dignaram exercer um direito fundamental tiveram conduta irrepreensível. Inexcedíveis foram também todos aqueles que trabalham nas assembleias de voto e que merecem um justo louvor pela coragem que tiveram para garantir a funcionalidade irrepreensível deste acto eleitoral. Quanto ao desfecho de uma noite sem grandes surpresas, mau grado a ameaça populista, Marcelo Rebelo de Sousa voltou a levar a melhor sobre toda a concorrência sem fazer campanha vistosa, sem ter apoios de notáveis, declarados com a devida antecedência, e sem fugir aos debates. Assumiu culpas em vários dossiers com desfecho que expôs Portugal ao ridículo. Admitiu cumplicidades com o Governo em momentos delicados. Prescindiu de presenças nas redes e dos vultos da partidocracia e das conveniências. Voltou a ser o único rosto da sua candidatura, tendo como trunfos os afectos que foi multiplicando ao longo dos últimos anos, aos quais adicionou 'selfies' infundáveis. Num País em que mais de metade dos eleitores tem no álbum de memórias uma fotografia ao lado do Presidente o resultado dificilmente seria outro.

No segundo mandato espera-se mais de um Presidente menos omnipresente mas mais acutilante, menos comentador e mais provocador, menos calculista e mais imparcial. Um Presidente que garanta a unidade do Estado, sem esquecer que a mesma é feita de diversidade geográfica e nesta de Regiões Autónomas sistematicamente ignoradas pelos governos da República de todas as cores.